

Iremos, na República, desforrar o tempo perdido: trajetória intelectual de Afrânio Peixoto

Michelle de Paula Pupo¹

Resumo: Afrânio Peixoto (1876-1947), intelectual, cientista e literato, formou-se em medicina em 1897 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Chega ao Rio de Janeiro no início da República, neste período a cidade estava passando por amplas reformas que buscavam a modernização do Brasil, que era considerado uma nação atrasada. Os intelectuais tomam como sua missão a modernização do país, para isso era preciso eliminar as "classes perigosas", os "degenerados" e limpar o Brasil do seu passado escravocrata e dos efeitos da miscigenação, era preciso sanear e higienizar o país, para alcançar o progresso. Essas reflexões e debates que perpassam e influenciam as obras de Afrânio Peixoto, tanto as científicas quanto as literárias, que se consagra um intelectual, devido à variedade de campos onde atuou como a Academia Nacional de Medicina, Academia Brasileira de Letras, Liga de Higiene Mental e diversas outras.

Palavras-chave: Intelectuais, Trajetória, Afrânio Peixoto

Abstract: Afrânio Peixoto (1876-1947), intellectual, scientist and literate, graduated in medicine in 1897 by the Faculty of Medicine of Bahia. Arriving in Rio de Janeiro at the beginning of the Republic, in this period the city was undergoing extensive reforms that sought a modernization of Brazil, which was considered a backward nation. The intellectuals took as their mission a modernization of the country, in order to eliminate the "dangerous classes", the "degenerates" and to cleanse Brazil from its slave-owning world and the effects of miscegenation, it was necessary to cleanse and sanitize the country in order to achieve the progress. These reflections and debates that permeate and influence the works of Afrânio Peixoto, both as scientific and literary, which is consecrated intellectual for acting in a diversity of fields as National Academy of Medicine, Brazilian Academy of Letters, Liga de Higiene Mental and several others.

Keywords: Intellectuals, Trajectory, Afrânio Peixoto

¹ Possui graduação em ciências sociais pela Faculdade Sagrada Família (FASF), e mestranda em História, cultura e identidades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Financiamento CAPES. E-mail: michellepupo18@gmail.com

Sanear, higienizar e eugenzar, são palavras frequentes nas discussões intelectuais no início do século XX, com a instauração da República. Em busca da modernização do Brasil, que aos olhos europeus era um país atrasado. Com o fim do regime de trabalho escravocrata, se busca modernizar o país e a ciência se apresentava para cumprir essa missão. Estabelecendo novos valores e novas condutas para o espaço urbano.

Buscamos neste artigo, traçar a trajetória intelectual de Afrânio Peixoto, médico, cientista e literato, presente neste contexto de inserção da cidade do Rio de Janeiro nos eixos da modernização. Buscamos focar no período de formação e atuação de Afrânio Peixoto, buscando analisar os campos que transitou, as suas redes de sociabilidade e as instituições que frequentou que o legitimaram enquanto intelectual deste período.

A trajetória intelectual de Afrânio Peixoto será analisada, tendo em vista sua participação em associações e instituições que vieram posteriormente influenciar seu pensamento e suas obras, visando perceber sua inserção no campo médico e disputas travadas nas instituições científicas. Sua trajetória será pensada a partir da história intelectual e pensando dentro dessa perspectiva a autora Helenice Rodrigues da Silva nos apresenta algumas possibilidades de análise:

[...] a história intelectual parece visar, essencialmente, a dois eixos de análise: por um lado, o funcionamento de uma sociedade intelectual (o conceito de ‘campo’ de Bourdieu), ou seja, suas práticas, suas estratégias, seus habitus; por outro, as características de um momento histórico e

conjuntural [...] que impõem visões de mundo, esquemas de percepção e apreciação, enfim, modalidades específicas de pensar e de agir por parte dos intelectuais. Em outras palavras, a história intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços socioprofissionais e nos contextos históricos. (SILVA, 2002, p. 12)

Outra constatação que nos traz Silva (2002), é que uma análise por meio da história intelectual deve privilegiar a leitura de um texto em relação ao seu contexto, ou seja, considerar a obra em relação à formação social e cultural do autor dentro do seu campo de produção. Por isso, perceber o intelectual como fruto do seu tempo e das discussões presentes na época perceptível em suas obras. Por isso a importância de não separar o intelectual do seu contexto, e dos campos e instituições que participa, isso é fundamental para poder compreendê-lo. Pois, para Dosse (2007), a legitimidade de um intelectual não depende somente da sua obra, revista, colóquios, mas também da sua sociabilidade, no mundo universitário, editorial e midiático.

Para este artigo foi realizado uma revisão bibliográfica de trabalhos que já abordam a trajetória de Afrânio Peixoto como Santos (2017), Silva (2014). Complementamos o texto com publicações de jornais do período como o Jornal do Comércio e do Jornal Correio da Manhã. Utilizamos também as obras produzidas por Afrânio Peixoto, que demonstram o reflexo do pensamento dele e do pensamento médico do período para compreensão de como se formula alguns discursos como o de higienização, eugenia dentre outros no início da República.

Do sertão para a capital federal: Trajetória intelectual de Afrânio Peixoto

A bordo do *Magdalena* chegou hontem a esta capital o Dr. Júlio Afrânio Peixoto, nomeado Comissário de Hygiene desta Capital. O Dr. Afrânio Peixoto exercia o cargo de preparador de medicina legal e hygiene, na Faculdade de Medicina da Bahia, e o de professor de Medicina Legal da Faculdade Livre de Direito do mesmo Estado, sendo autor de várias obras scientificas e literárias. (Jornal do Commercio, 14/10/1902).

No dia 13 novembro 1902, chegou a cidade do Rio de Janeiro o jovem médico baiano Júlio Afrânio Peixoto. A cidade no período era a Capital Federal do Brasil e palco de grandes transformações que vieram com a Proclamação da República no país. A chegada da República significou para os brasileiros uma adequação a nova ordem e aos novos costumes estabelecidos, com a intenção de modernizar o país, que era considerado atrasado, em comparação aos países europeus. Segundo Sevcenko (1998), a cidade do Rio de Janeiro era o alvo dessas transformações, pois como capital federal era a vitrine do país.

A construção deste novo ideário moderno, se tornou uma tarefa dos chamados homens de ciência desde a reforma do espaço físico até as mudanças nos ideais e valores da sociedade.

Os chamados “homens da ciência”, segundo Herschmann (1996), durante a passagem do século XIX para o século XX, tinham em discussão a construção de um ideário moderno brasileiro, essa temática interessava e atingia vários campos intelectuais, como: a medicina, o direito, higienistas, sanitaristas, engenheiros e políticos brasileiros em geral, com o objetivo de “salvar” a nação e recuperar o

atraso brasileiro. Esses intelectuais não ficavam restritos apenas a sua especialidade, mas interferiam em vários campos ou esferas sociais.

Segundo Sevcenko (1998), uma das primeiras medidas das elites após a Proclamação da República, foi a abertura da economia aos capitais estrangeiros, permissão para bancos privados emitirem moeda. O objetivo era promover uma industrialização imediata e a modernização do país. A cidade do Rio de Janeiro, que no período era a capital federal brasileira, foi um grande alvo de modernização, pois como capital ela era a vitrine do país.

Após a abolição da escravidão em 1888, a capital tinha na sua maioria uma população negra e mestiça, remanescentes de escravos e ex-escravos. Esses indivíduos migraram das fazendas de café em busca de novas oportunidades nas funções ligadas às atividades portuárias da cidade. Se concentraram em antigos casarões no centro da cidade que com o tempo foram se degradando devido ao acúmulo de pessoas populacional naquele perímetro, vivendo em precárias condições sanitárias. A cidade do Rio de Janeiro apresentava uma série de endemias, foco de difteria, malária, tuberculose, febre amarela, sífilis dentre outras. (SEVCENKO, 1998).

No período colonial, segundo Costa (1999) a higienização das famílias era voltada apenas para elite, os escravos apareciam como problema para os médicos, pois o escravo não era livre, não possuíam nenhum direito e viam esses indivíduos como uma resistência a normalização, era, portanto, necessário incluí-los e transformá-los em agente dessa mudança sem mudar sua posição social.

Até o século XIX, a sexualidade interferia muito pouco na estabilidade familiar. A solidez de um casal não dependia do nível de sexualidade que permeasse a relação. O exercício sexual no casamento restringia-se à cópula com vistas à procriação. O sexo tinha um andamento conjugal oculto, isento de comentário público (COSTA, 1999, p.226).

Os cortiços já apareciam como problema desde o Império, segundo Chalhoub (1996), nos cortiços habitavam pessoas que na sua grande maioria eram escravos e recém-libertos, vistos pelas autoridades como “valhacouto de desordeiros”. A pobreza era suficiente para considerar um indivíduo malfeitor, também apareciam como perigo de contágio, era necessário a repressão aos maus hábitos e a educação dos menores. As habitações coletivas eram vistas como foco de doenças e propagação de vícios, por isso era necessária sua derrubada e afastamento dessa população “indesejada” do centro da cidade. Segundo Schwarcz (1993), a cidade passou a ser um palco de conflitos, personificado pelas “camadas perigosas”.

Visto essas dificuldades apresentadas, as autoridades conceberam um plano de três dimensões: a modernização do porto liderada pelo engenheiro Lauro Müller, o saneamento da cidade liderada pelo médico Oswaldo Cruz e a reforma urbana liderada pelo engenheiro e urbanista Pereira Passos. Tinham o objetivo de resolver os problemas apresentados. Houve a demolição das residências no entorno do porto, principalmente as mais pobres, sem nenhuma indenização.

Alguns movimentos surgiram como resistência a este projeto de modernização, a exemplo a Revolta da Vacina que ocorreu em 1904.

Os chamados “homens da ciência”, segundo Herschmann (1996), durante a passagem do século XIX para o século XX, tinham em discussão a construção de um ideário moderno brasileiro, essa temática interessava e atingia vários campos intelectuais, como: a medicina, o direito, higienistas, sanitaristas, engenheiros e políticos brasileiros em geral, com o objetivo de “salvar” a nação e recuperar o atraso brasileiro. Esses intelectuais não ficavam restritos apenas a sua especialidade, mas interferiam em vários campos ou esferas sociais.

Segundo Santos (2017), Afrânio Peixoto chegou ao Rio de Janeiro com uma carta de recomendação que pediu ao governador do Estado da Bahia, Severino Vieira, que proporcionou a ele chegar ao Rio “com o pé direito”. Os grupos com o qual Afrânio Peixoto, dialogou na sua chegada à capital, ajudaram a definir o rumo dos seus posicionamentos. Aproximou-se de Carlos Peixoto Filho¹⁵, que também havia acabado de chegar ao Rio de Janeiro para exercer o cargo de Deputado Federal por Minas Gerais, que proporcionou a Afrânio Peixoto um amplo debate sobre política assim como sua inserção em rodas de conversas e debates.

A consolidação e legitimação de um intelectual não se dá somente pela formação científica, mas pelas redes de sociabilidade em que este está inserido, como também associações e instituições que participa. Todo intelectual está inserido em um contexto e suas redes de

sociabilidades não podem ser ignoradas e essas redes mudam conforme o contexto.

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade ou gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de aprender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar. (SIRINELLI, 2014, p.248).

Esses intelectuais –cientistas, formularam modelos de condutas, conjunto de valores, como também a imagem do país, orientando os indivíduos na construção de uma sociedade civilizada.

Afrânio Peixoto chega à cidade do Rio de Janeiro com a ambição de se tornar professor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e um intelectual reconhecido, com o objetivo de contribuir com a nação. E Compreender o campo médico é de extrema importância, para compreender como os agentes se confrontam nesses espaços.

[...] não podemos compreender uma trajetória (ou seja, o envelhecimento social que, ainda que inevitavelmente o acompanhe, é independente do envelhecimento biológico), a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou; logo o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes do campo – ao conjunto dos agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis. (BOURDIEU, 1996, p. 82).

Durante o período analisado a ciência se organizava em campos, o campo médico, o campo das letras, campo político, dentre outros, a

grande maioria dos intelectuais transitavam em vários deles, mesmo essa não sendo a sua especialidade, dentro desses campos vai haver disputas e conflitos, esses campos não se dão de forma homogênea.

Afrânio Peixoto, formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1897 com a tese *Epilepsia e Crime*, tese prefaciada por dois professores reconhecidos no campo médico Juliano Moreira e Nina Rodrigues. Em 1902 mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde recebeu o convite do médico Juliano Moreira para trabalhar como inspetor de saúde pública no Hospital de Alienados, onde em 1904 foi diretor. Afrânio também dirigiu o Instituto médico legal do Rio de Janeiro, e, em 1911, se tornou membro da Academia Brasileira de Letras, empossado dois anos depois como professor da cátedra de medicina pública da Faculdade de Direito. Em 1916, assumiu a cátedra de medicina pública da Faculdade de Medicina do Rio Janeiro ocupando a cadeira de higiene. Em 1924 foi eleito deputado federal da Bahia.

Visto esse breve histórico dos cargos exercidos por Afrânio Peixoto, percebemos que sua atuação não ficou somente limitada ao campo médico, ele transitou também no campo das letras e no campo político, e também publicou diversas obras, na área da educação, história. Participou também da Liga de Higiene mental e Academia Nacional de Medicina, como também redator da Gazeta Médica da Bahia.

Segundo Leclerc (2004), o intelectual ultrapassa seu campo de competência profissional para falar das coisas onde ele não é

especialista, mas que ele se julga implicado e preocupado. Percebemos isso na figura de Afrânio Peixoto. A história de Afrânio se entrelaça com a de outros intelectuais do período como também da própria legitimação do campo científico. A atuação da medicina como caminho para construção de uma nação civilizada e moderna.

O cientista, o literato, o intelectual devem ser assim compreendidos na sua condição de atores sociais, cujo desempenho se dá num contexto específico e por intermédio de sua atuação em diferentes campos sociais. Desenvolvem estratégias interagindo, portanto, com diferentes atores, instituições e grupos. (STANCIK, 2005, p.47).

Segundo Herschmann (1996), os médicos foram os primeiros cientistas a assumirem o papel de modernização do país no contexto de início da República. Neste período o Estado passa a ser responsável pela organização social e interfere de forma mais direta na sociedade civil. A medicina vai atuar de forma preventiva, atuando na normatização da vida social, sendo responsável pela orientação da vida privada dos indivíduos, criando e se baseando no modelo de família burguesa, atuando sobre o corpo, sexo e higiene, tendo como objetivo fazer com que homens e mulheres desempenhassem seu papel de reprodutores de uma nação “sadia” e “pura”.

As Faculdades de medicina no Brasil, o campo e instituições médicas

Neste período no Brasil, haviam duas Faculdades de Medicina de maior relevância a Faculdade de Medicina da Bahia e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro², as duas possuíam perspectivas diferentes. Segundo Schwarcz (1993), a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro buscava sua identidade e originalidade na descoberta de doenças tropicais (febre amarela, doença de Chagas), sanadas por programas higiênicos. A Faculdade de medicina da Bahia acreditava que o cruzamento racial era o grande problema, mas também a diferença, para os baianos o cruzamento racial explica a criminalidade, a loucura, a degeneração e para os cariocas o convívio das diferentes raças seria o maior responsável pelas doenças e obstáculo a perfectibilidade biológica.

Segundo Schwarcz (1993), em 1880, a Faculdade de Medicina da Bahia, dava ênfase em estudos sobre a população contaminadas por moléstias infectocontagiosas. Em 1890, surgiu a chamada medicina legal, com o surgimento da figura do perito, que juntamente com a polícia explicariam a criminalidade e a loucura. E em 1930, o surgimento dos estudos eugenistas, buscavam separar uma população “enferma” da sã, a partir desta perspectiva viam que através da

² Neste período também foram fundadas a Faculdade de Medicina de da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1898 e a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo fundada em 1912, mas não tinham tanta relevância e influência como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Faculdade de Medicina da Bahia.

miscigenação, se poderia prevenir a loucura e compreender a criminalidade e a degeneração.

Essas características hereditárias eram abordadas pelos teóricos raciais e eugênicos que estavam em alta na Europa, influenciaram o saber médico no Brasil. Segundo Barbosa (2016), essas teorias tinham a ciência como base para analisar características raciais e na Europa o objetivo era promover uma raça como a melhor entre as demais, e que esta raça seria promovida para governar as demais. A eugenia buscava o aperfeiçoamento da espécie humana, selecionar os melhores seres humanos segundo seus critérios de classificação, para transmissão dessas características e melhorar os próximos descendentes, e no Brasil essa proposta se apresentou com a intenção de salvar a nação, buscando um branqueamento da população. Grandes intelectuais se apoiaram nessas ideias como Euclides da Cunha, Silvio Romero e Nina Rodrigues, que foi uma das grandes referências de Afrânio Peixoto.

De acordo com Herschmann (1996), a medicina era um campo médico em construção e queria se colocar como uma ciência que resolveria os problemas do país. Mesmo possuindo um perfil inovador e com caráter científico, os discursos médicos eram perpassados pelo caráter moral e religioso, pois viam que a medicina teria também um papel moral.

Ainda de acordo com Herschmann (1996), Afrânio Peixoto foi um dos intelectuais de grande importância nesse período e o que mais atingiu outros campos do saber, e culpava os bacharéis pelo estado em que o Brasil se encontrava, para ele a retórica dos bacharéis deveria ser

substituída pela intervenção dos médicos e engenheiros. Para o médico a principal causa do mal brasileiro era a má formação e a falta de informação sendo necessário a construção de um projeto pedagógico. Apesar de muito influenciado pelas teorias lombrosianas também defendia a visão de uma educação pautada na higiene, uma medicina preventiva. A exemplo estão os dois volumes da obra *Higiene* (1922), escrita pelo médico.

Durante sua formação acadêmica, de acordo com Santos (2017), Afrânio Peixoto se inscreveu como assistente de laboratório de prática de medicina legal de Nina Rodrigues e o auxiliou em diversos trabalhos. Foi através de Nina Rodrigues, que Peixoto realizou suas primeiras pesquisas e intervenções no campo médico e embora tenha resinificado alguns ensinamentos, sua atuação médica sempre foi referenciada a Nina Rodrigues e à medicina legal. Primeiramente, porque os estudos realizados dentro da Faculdade de Medicina da Bahia, sobre clima tropical e possíveis doenças climáticas, se manifestaram como tentativa de conferir viabilidade para a nação.

Segundo Santos (2017) que analisa a autobiografia de Afrânio Peixoto, traz que a formação medicina foi um momento importante para Afrânio, e em algumas ocasiões o médico relata que teve uma educação diferenciada com os mestres baianos e que a Faculdade de medicina da Bahia, dispunha de uma educação melhor do que a ensinada na capital. Entretanto, o Rio de Janeiro tornou-se sua ambição, quando percebeu sua predileção à intelectualidade. Tinha como objetivo ministrar aulas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a capital do seu país. Isso

se deu devido ao pensamento que demonstrava que, para se pensar o Brasil era necessário estar presente no centro dos grandes debates, a capital federal, o Rio de Janeiro.

Percebemos aqui com a análise de Santos (2017), que Afrânio teve uma preocupação em fazer uma autobiografia, uma escrita de si. Segundo Bourdieu (1996, p.75), a narrativa autobiográfica se preocupa em “atribuir sentido, de encontrar a razão, de descobrir uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva [...] entre estados sucessivos constituídos como etapas de um desenvolvimento necessário”.

As ciências de Afrânio Peixoto: Psiquiatria, higiene e medicina legal

Afrânio Peixoto chegou a capital federal com uma carta de recomendação que pediu ao governador do Estado da Bahia Severino Vieira, que para Afrânio Peixoto o permitiu chegar ao Rio “com o pé direito”. Os grupos com o qual Afrânio Peixoto, dialogou na sua chegada à capital, ajudaram a definir o rumo dos seus posicionamentos. Aproximou-se de Carlos Peixoto Filho³, que havia acabado de chegar

³Carlos Peixoto de Melo Filho nasceu na cidade de Ubá (MG) em 1871, filho de Carlos Peixoto de Melo. Seu pai foi deputado geral e senador por Minas Gerais. Formou-se em direito em 1890 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi prefeito de Ubá em 1896 e lutou para garantir a autonomia do município. Em 1903, elegeu-se deputado federal por Minas Gerais para a legislatura 1903-1905. Reeleito para as legislaturas 1906-1908 e 1909-1911, foi presidente da Câmara dos Deputados de 1907 a 1909. Partidário do civilismo, combateu a candidatura do marechal Hermes da Fonseca à presidência da república em 1910. Tornou a se eleger deputado federal em 1915, com mandato até 1917. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Faleceu na cidade de Ubá em 1917. (Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MELO%20FILHO,%20Carlos%20Peixoto%20de.pdf>, acessado em 14/05/2018).

ao Rio de Janeiro para exercer o cargo de Deputado Federal por Minas Gerais, proporcionou a Afrânio um amplo debate sobre política assim como sua inserção em rodas de conversas e debates.

Ainda segundo Santos (2017), morou alguns meses no Grande Hotel do Largo da Lapa, e depois junto com Miguel Calmon, Carlos Peixoto Filho, Primitivo Moacyr e Eloy de Souza, decidiram alugar uma casa que ficou conhecida por “casa das Laranjeiras”. Exceto Afrânio Peixoto, todos os outros colegas estavam envolvidos com carreiras parlamentares. A casa, estava sempre repleta de homens representativos do cenário político e cultural. Este primeiro grupo com quem Afrânio teve contato quando chega a capital federal e as relações que foram estabelecidas por eles foram significativas para a construção do pensamento médico sobre a realidade brasileira.

Em 1902, foi nomeado secretário da diretoria geral de saúde pública, e como diretor foi nomeado um médico também jovem e promissor da época Oswaldo Cruz, no governo de Rodrigues Alves⁴. Segundo Santos (2017), foi recusado por Oswaldo Cruz, que alegava não conhecer a figura de Afrânio e que já havia prometido o cargo a um amigo.

⁴O governo de Rodrigues Alves foi um marco no que diz respeito “à busca por um novo tempo”. Segundo Jeffrey Needell, esse governo caracterizou-se pela intensa preocupação com as transformações sociais e culturais que derrubariam a ideia de um passado colonial e dariam início a um tempo moderno e civilizado. Neste sentido, foram empreendidas diversas reformas, das quais destacaram-se duas: a reforma urbana e a reforma na saúde. Segundo Nara Britto, tratava-se de “um projeto inovador na época, de mudanças na saúde pública brasileira, que, entre outros objetivos, visava combater as doenças endêmicas”.(SANTOS, 2017, p.167).

Segundo Santos (2017), como forma de se desculpar, Oswaldo Cruz ofereceu a Afrânio Peixoto a direção do Hospital de Jururuba, mas ele recusou, alegando que era um lugar onde se recolhiam os “pestosos” e que não tinha capacidade clínica para exercer o cargo e também anunciou que estaria saindo do seu lugar de médico da saúde pública, que não queria exercer funções de dependência de Oswaldo Cruz, ficando sem nenhum emprego no Rio de Janeiro. Consegue então cargo no Hospital Nacional de Alienados, devido a sua aproximação com Juliano Moreira, que no momento era o atual diretor do Hospital.

Segundo Silva (2014), a reforma do Hospital Nacional de Alienados, fazia parte de um projeto de saneamento, pois a instituição estaria mergulhada em uma decadência moral e material e essa reforma era vista como obra de humanidade e civilização.

Em 1904, Afrânio Peixoto foi nomeado diretor do Hospital Nacional de Alienados, segundo Sales (2011), essa nomeação se deu devido ao adoecimento de Juliano Moreira. Dá então continuidade ao projeto de reforma de Moreira:

Na direção do Hospício dá continuidade à obra iniciado por Juliano, destacando-se, entre as novas instalações inauguradas durante a sua administração, uma usina geradora de eletricidade, uma cozinha à vapor, oficina de tipografia, laboratório de anatomia patológica, balneoterapia, massagens, laboratório de antropometria e psicologia, gabinete dentário, sala de cirurgia, laboratório fotográfico, escola para crianças débeis e curso de enfermagem, biblioteca para os médicos e outra para os doentes internados, além da publicação do primeiro volume dos *Arquivos* (de psiquiatria). (SALES, 2001, p. 10).

Neste período cresce as publicações de Afrânio Peixoto na área da psiquiatria, principalmente com a criação dos *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e ScienciasAffins*⁵, na companhia de Juliano Moreira.

Segundo Wanderley e Neto (2016), Afrânio Peixoto com a influência do médico Juliano Moreira se aproximou do campo psiquiátrico trabalhando dentro do Hospital de Alienados, recebendo o título de membro da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Afrânio Peixoto e Juliano Moreira vieram a criar os Arquivos brasileiros de psiquiatria, neurologia e ciências afins, como forma de legitimação dos discursos médicos e científicos, criando também a Sociedade brasileira de psiquiatria, neurologia e medicina legal em 1907.

A partir de sua tese, Afrânio Peixoto, ampliou seus debates no ambiente científico, voltando-se para as questões de nacionalidade. Segundo Santos (2017), foi a partir de ensinamentos referentes ao clima e as condições mesológicas que começou a pensar o Brasil e os

⁵ Surgido em 1905, o Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins foi o primeiro periódico brasileiro especializado na área. Com o nome de Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, tornou-se, em 1908, veículo de divulgação da Sociedade com o mesmo nome. A partir de 1919 foi publicado como Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria. O periódico traz as propostas para a psiquiatria brasileira lideradas por Juliano Moreira, diretor do Hospício Nacional e da Assistência a Alienados do Distrito Federal. Por veicular trabalhos de profissionais do Hospício Nacional, é fonte fundamental para a investigação dos processos diagnósticos e das práticas clínicas e terapêuticas do período. Apresenta-se aqui uma seleção de artigos publicados na revista entre 1905 e 1930, ano da aposentadoria de Moreira. (FACCHINETTI, CUPELLO, EVANGELISTA, 2010, p. 1. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702010000600015&script=sci_abstract&tlng=pt, acessado em 14/05/2018).

brasileiros. Em 1916, assumiu a cátedra de medicina pública da Faculdade de Medicina do Rio Janeiro, ocupando a cadeira de higiene, realizando seu tão almejado sonho quando vem para o Rio de Janeiro. No período em questão estavam em alta debates em torno do higienismo, sanitarismo e ideias eugênicas, presentes nos discursos da intelectualidade do período.

As ideias dos teóricos raciais e eugênicos que estavam em alta na Europa, vem também a influenciar o Brasil. Segundo Barbosa (2016), essas teorias tinham a ciência como base para analisar características raciais e na Europa o objetivo era promover uma raça como a melhor entre as demais, e que esta raça seria promovida para governar as demais. A eugenia buscava o aperfeiçoamento da espécie humana, selecionar os melhores seres humanos segundo seus critérios de classificação, para transmissão dessas características e melhorar os próximos descendentes, e no Brasil essa proposta se apresentou com a intenção de salvar a nação, buscando um branqueamento da população. Grandes intelectuais se apoiaram nessas ideias como Euclides da Cunha, Silvio Romero e Nina Rodrigues, que foi uma das grandes referências de Afrânio Peixoto.

Segundo Souza (2012), em 1910 a hora da eugenia parecia ter chegado ao Brasil, com a influência do médico e farmacêutico Renato Kehl, grande propagandista das teorias eugênicas no Brasil. O cenário brasileiro era marcado pela grande presença de negros recém-saídos do regime escravista, como também uma grande presença de mestiços e indígenas. Um país com clima tropical, marcado pela pobreza, visto

pelo mundo como uma país de incapazes e degenerados. Boa parte dos intelectuais buscava construir um discurso menos pessimista sobre o futuro da nação.

Ainda segundo Souza (2012), os discursos eugênicos eram confundidos com os discursos sanitaristas, visto que as primeiras obras de caráter eugênico estavam associadas pelo ideário do movimento.

O que possibilitava a união entre a eugenia e as idéias higiênico-sanitárias, quando não a sua inconfundível associação, foi o fundo neolamarckista e sua convicção na transmissão dos caracteres adquiridos. (SOUZA, 2012, p.8)

Alguns intelectuais viam a eugenia como a mesma coisa que o saneamento, como para Olegário de Moura que “sanear é eugenizar” e para Belisário da Penna que via o saneamento, a higiene e a medicina social como alicerces da eugenia.

O estilo neolamarckiano reformista da eugenia foi representado em sua forma mais pura, talvez, nas campanhas antialcoólicas da década de 1920. De há muito encarado como problema social e moral característico da população pobre e negra, particularmente, o alcoolismo foi reformulado como ‘inimigo da raça’ porque o ‘vício’ provocaria condições hereditárias ligadas ao crime, à delinquência juvenil, à prostituição e às doenças mentais entre os pobres das zonas rurais e urbanas. O higienista e eugenista Afrânio Peixoto, por exemplo, afirmou que o álcool causava degeneração racial porque os filhos de alcoólatras eram defeituosos e predispostos desde a infância a meningite, convulsões, deficiência mental, loucura e crime (PEIXOTO, 1936, apud, STEPAN, 2004, p. 350).

De acordo com Herschmann (1996), Afrânio Peixoto foi um dos intelectuais de grande importância nesse período e o que mais atingiu outros campos do saber, e culpava os bacharéis pelo estado em que o Brasil se encontrava, para ele a retórica dos bacharéis deveria ser substituída pela intervenção dos médicos e engenheiros. Para o médico a principal causa do mal brasileiro era a má formação e a falta de informação sendo necessário a construção de um projeto pedagógico. Apesar de muito influenciado pelas teorias lombrosianas também defendia a visão de uma educação pautada na higiene, uma medicina preventiva. A exemplo estão os dois volumes da obra Higiene (1922), escrita pelo médico.

A visão eugênica em Afrânio não era pessimista a respeito da miscigenação, mas abordou com uma perspectiva higienista, apostando na higiene como forma de compensar os “desfavoráveis” de características raciais, apoiava a vinda de imigrantes de preferência brancos e europeus com o objetivo de branquear a população brasileira.

Segundo Peixoto (1922), a higiene não se interessa somente pelo indivíduo, mas pelo sua ascendência e descendência, pela visão de Darwin os ascendentes transmitem aos seus descendentes seus caracteres gerais e individuais, mas nem sempre estes caracteres são felizes, vindo a surgir deformações e degenerações, sendo necessário um auto-saneamento da espécie, vindo a ser feito pela eugenia, que garantiria uma raça pura e saudável.

Segundo Stepan (2005), em 1918 foi fundada no Brasil a Sociedade Eugênica de São Paulo, a primeira sociedade de eugenia

brasileira, poucos meses mais tarde vindo a nascer também na Argentina e somente seis anos após nasce na França e em dez anos na Inglaterra. Isto demonstrou que os médicos brasileiros estavam empenhados com essa discussão e que esses acontecimentos tinham uma relação maior com a América Latina do que com os Europeus. Um dos fatores seria a Primeira Guerra Mundial, a queda dos países europeus a barbárie, projetou o nascimento de um forte nacionalismo nos países latinos visto que os países europeus determinavam o que era “civilizado” como também apresentavam os países latinos como atrasados. Outro fator seria a necessidade de encontrar soluções próprias para os problemas da América Latina.

Na segunda década do século XX, a pobreza e a saúde dos mais pobres se tornam uma questão nacional, os negros e mulatos eram os grupos que mais inquietavam os médicos sanitaristas, que presumiam que doenças sociais se acumulavam pela hierarquia sócio-racial, a exemplo os pobres seriam pobres porque seriam indivíduos anti-higiênicos, sujos, ignorante e hierarquicamente inadequados. Nesta década a pobreza, a migração e imigração levaram o país a um período de radicalização política, com protestos e deflagração da primeira greve nacional em 1917. Neste mesmo período alguns médicos fizeram a primeira defesa nacional da eugenia como um caminho capaz de aliviar as tensões sociais.

Ainda segundo Stepan (2005), a greve demonstrou o potencial político dos trabalhadores, mas também sua fragilidade frente ao poder das autoridades e o uso da polícia para sufocar as manifestações. A elite

temia a violência e o perigo que os negros e mulatos representavam e os retratavam como preguiçosos, indisciplinados, doentes e em permanente vagabundagem.

Essas demonstrações nos levam ao conceito de “classes perigosas” Chalhoub (1996), pois o higienismo tinha como objetivo segregar e eliminar esta população dos centros urbanos, pois estes tornavam o ambiente insalubre e propagador de doenças. Os pobres seriam viciosos, a ociosidade do trabalho geraria malfeitores, portanto aqueles que viviam na pobreza carregavam vícios, os trabalhadores honestos escapariam a pobreza. A pobreza seria suficiente para considerar um indivíduo malfeitor, eles também apareciam como perigo de contágio, por isso seria necessário a repressão aos vícios e mau hábitos.

Em sua obra *Elementos de Higiene* (1913), Afrânio Peixoto demonstra preocupação sobre a procriação dos indivíduos, o desenvolvimento perfeito da criança bem como sua educação e sua saúde que convêm ao indivíduo e também a sua raça.

A escolha sexual de dois individuos aptos áprocreação, em que os interesses da atração reciproca dominem os subalternos das conveniencias sociais; a procreação, no momento propicio da maturidade genesisca de ambos; a cultura adequada no seio materno do ser produzido, de sorte a lhe permitir o desenvolvimento perfeito, o nascimento; a criação; a educação; o exercicio; a vida, em suma, regrada para proteger, defender, permitir, facilitar entre as causas occorrentes variadas, nocivas e proficuas, as que convem ao individuo e a raça... é esse todo e máximo desiderato da hijiene, porque a saude, sua preocupação, será a consequencia preparada. (PEIXOTO, 1913, p. 355-356).

Na obra *Higiene* (1922), volume 1, de Afrânio Peixoto há uma parte dedicada a profilaxia de doenças transmissíveis, para impedir a transmissão dessas doenças na escola, o alvo seriam as crianças.

Para impedir o acesso as doenças transmissíveis na escola é preciso ter a garantia de saúde não só dos alunos em particular, mas de todo o pessoal que serve a educação (mestres, professores) como no entreterimento da casa escolar (guardiãs, serventes, bedéis). A tuberculose, a sífilis, a febre tifóide, pelos portadores de bacilos, podem assim, desconhecidas e não afastadas por um diagnóstico oportuno, se propagar aos alunos, em contágio possível e provável. Principalmente as doenças e infecções frequentes na infância exigem reconhecimento pronto, para evitar contágio dos sãos pelos infectados e infestados: é o caso do sarampo, da varicela, da varíola, da escarlatina, da erisipela, da coqueluche, da cachumba ou traseiro, da gripe, da difteria, da sarna da pitíriase, do impetigo, do eczema, da tinea favosa ou tricoftílica... ou ainda da meningite cerebro-espinhal, da tuberculose, da sífilis, da febre tifóide e outras muitas... (PEIXOTO, 1922, p. 329).

É na família que se concentravam todos os problemas da modernidade, que se apresentava ameaçada. Neste período mulheres e crianças eram os maiores alvos dessas políticas higiênicas, visto que a mulher era quem geraria os futuros filhos da nação e as crianças que deveriam ser educadas higienicamente para que se atingisse o progresso esperado.

Em íntima relação com estes temas estava a própria família, na qual, para muitos, se concentravam todos os problemas da modernidade, ameaçando-a de colapso. As classes médias latino-americanas, antiquadas e formalmente católicas, veneravam a família

tradicional como a instituição fundamental para uma boa sociedade. Nas primeiras décadas do século XX, essa família tradicional parecia cada vez mais ameaçada, seja pela crescente presença de mulheres nos locais de trabalho, seja pelos novos costumes sexuais trazidos pela modernidade e pela imigração, pela prostituição, a prole ilegítima, os abortos ilegais e o alcoolismo que acompanharam a crescente industrialização, as migrações internas, a urbanização e a pauperização. Uma das respostas possíveis ante os dilemas postos por um corpo político doente constituía-se em sanear, moralizar e “eugenizar” a família. (STEPAN, 2005, p. 52).

Segundo Stepan (2005), uma população saudável e apta era considerada essencial para uma riqueza material. As altas taxas de enfermidades eram vistas como abomináveis e um empecilho para o progresso. Na medida em que cresciam as expectativas quanto ao controle das enfermidades, as doenças associadas a pobreza como as infecções venéreas, tuberculose, alcoolismo, forçavam a expandir as fronteiras do conhecimento médico.

Segundo Herschmann (1996), os literatos também buscavam formas de captar a realidade através dos métodos científicos, como forma de contribuição para a construção da nacionalidade, com base no naturalismo estético, que tinha o compromisso de relatar a realidade como ela se apresentava. Assim como houve a aproximação dos literatos com o campo científico também houve a aproximação de cientistas com o campo literário, como forma de consolidar sua carreira de intelectuais.

Afrânio assim como esses intelectuais, transitou no campo das letras, entrou para a Academia Brasileira de Letras no ano de 1911, com a obra *Elementos de Medicina Legal* (1910) e após três meses da sua eleição lança a obra literária *A esfinge* (1911). Segundo Santos (2017), o médico baiano percebeu nesta atividade uma forma de ganhar visibilidade nacional. Para Afrânio, os intelectuais deveriam exercer o papel de guiar o povo e elaborar materiais para sua educação. Elaborou várias obras no estilo de manuais como os dois volumes de *Higiene* (1922) (1922), *Elementos de medicina legal* (1910), *Eunice ou a educação da mulher* (1936), *Noções de história da literatura geral* (1932), *Noções de História da educação* (1931)⁶.

Seus romances também refletem qual seria a percepção do médico, sobre o papel da atuação intelectual no país:

Os romances de Afrânio Peixoto são o exemplo maior daquilo que o médico entendia como atuação intelectual: cativar pela forma e instruir pelo conteúdo. O intelectual militante perpassa toda a sua escrita literária. Sua crença na possibilidade de transformação do homem a partir da educação, aliado a uma militância científica e nacionalista conduziram a construção de romances em que os leitores, muitas vezes, eram tratados como ouvintes de um conferencista. Assim, amplas palestras sobre higiene, criminologia, história, psicologia foram levadas a cabo por meio dos enredos literários. A geografia, o clima do sertão e a índole dos sertanejos foram vistas como objetos clínicos, analisados a partir de Lamarck, e dos neolamarckistas, de Darwin, Sigmund Freud, Gabriel Tarde, Maeterlinck, Du Bois, Cícero e Chateaubriand, conforme identificou um crítico contemporâneo de Peixoto.⁷⁷⁹ Em outras passagens das obras de Peixoto, é possível identificar a forte presença

⁶ Ano de referência é o ano de publicação das obras.

do naturalismo, conforme demonstrou Lilia Moritz Schwarcz ao afirmar que na obra *A Esfinge* os personagens cediam lugar “as leis naturais” que lhes estreitavam o horizonte, reduzindo-os a meras categorias da ciência. “Muitas vezes - afirmou a autora - longe do enredo, heróis e heroínas abriam espaço para reflexões estranhas àquele local, dando lugar as conclusões [que eram] dos cientistas da época. (SANTOS, 2017, p.247).

A literatura em Afrânio Peixoto, gira em torno de personagens femininas, mito da beleza feminina, geradora do mal. A perspectiva científica também sempre estava associada a valores da família e educação. Baseado no naturalismo e no positivismo a base para a consolidação do campo médico que serviria de base para “civilizar o país”. Os escritos literários de Afrânio não distinguiam do científico, eles possuíam o mesmo fio condutor de ideias.

A Academia Brasileira de Letras, Academia Nacional de Medicina, Liga de Higiene Mental, assim como outras sociedades e instituições, se tornam o palco de disputas hegemônicas como também de conflitos e discordâncias entre os intelectuais, não sendo instituições que formam pensamentos homogêneos. Segundo Bourdieu(2010), o campo intelectual se relaciona com outros campos como o literário e o científico, pela circulação dos indivíduos entre eles, mas o que aproxima a todos é o capital simbólico que representa, o reconhecimento, a consagração.

Afrânio Peixoto e Carlos Chagas disputas e reafirmações

Pensando as instituições como espaços hegemônicos, que representam os interesses e conflitos da sociedade civil e política. As

disputas do campo médico também se faziam presente nestes espaços que foram palco dos conflitos e discordâncias médicas entre Afrânio Peixoto e de Carlos Chagas, considerado um dos médicos mais promissores e reconhecido do período pela sua recém descoberta doença que assolava o Brasil, o mal de Chagas.

Conhecida como a doença dos sertões, segundo Kropf (2009), o mal Chagas foi anunciado como descoberta em 1909, por Carlos Chagas, na época pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz. Segundo Lima e Hochman (1996), os pesquisadores do Instituto, realizavam expedições no interior brasileiro com a intenção de mostrar o “Brasil real”, realizando críticas as teorias do determinismo racial

Esses médicos higienistas classificavam o brasileiro como indolente, preguiçoso, improdutivo, porque o país estava abandonado pelas elites, a solução seria saneá-lo e higienizá-lo.

Segundo Kropf (2009), a doença era causada pelo protozoário *Trypanosoma cruzi*, popularmente conhecido como barbeiro, muito frequente nas casas feitas de pau-a-pique, das áreas rurais. Caracterizado como “doença do Brasil”, logo se tornou símbolo da identidade nacional, caracterizando o país como doente, onde as endemias prejudicavam a produtividade dos trabalhadores.

Segundo Edler (2010), um dos maiores debates do campo médico no início do século XX, foi em torno da chamada medicina tropical. No final do século XIX e início do XX, houve uma busca em tentar desconstruir a ideia de um país insalubre propagado pelos médicos

do período anterior e para combater essa ideia era necessário comprovar a viabilidade da nação.

Segundo Santos (2017), Afrânio considerava ofensivo dizer que haveriam doenças tropicais, ou típicas do clima brasileiro. De certa forma, Afrânio leva como uma ofensa pessoal, visto que sua origem era sertaneja, como também a descoberta da doença causou certo ressentimento nos médicos que não faziam parte das pesquisas do Instituto Oswaldo Cruz como era o caso de Afrânio Peixoto, que se declarou desde o primeiro momento um questionador dos dados e dos diagnósticos lançados Chagas.

Mas o episódio de maior repercussão aconteceu com o discurso de acolhimento de Figueiredo Vasconcelos na Academia Nacional de Medicina, proferido por Afrânio Peixoto em novembro de 1922.

Durante o vosso consulado, podereis ter feito mais, o que clama e o que reclama, mas não o quiseste. Poderíeis ter achado alguns mosquitos, inventado uma doença rara e desconhecida, doença de que se falasse muito, mas quase ninguém conhecesse os doentes, encantoada lá num viveiro sertanejo de vossa província, que magnanimamente distribuireis por alguns milhões de vossos patrícios, acusados de cretinos. Poderíeis ter feito uma reformauntuária gastando cinco vezes mais que Oswaldo Cruz para, para fazer cinquenta vezes menos, mas vos ficariam tempo e saldos para a crítica mercenária aos inimigos que houvésseis provocado. Poderíeis mais, e tudo o que a vaidade sem escrúpulo e a imprudência provocante podem fazer tentar. (PEIXOTO, Afrânio. **Boletim da Academia Nacional de Medicina**, n.20, 1922, p. 723, *apud*, SANTOS 2017, p. 197).

Segundo Kropf (2010), Chagas se sentiu pessoalmente ofendido e pediu ao presidente da Academia Miguel Couto que formasse uma comissão avaliar seus estudos sobre a caracterização clínica e epidemiológica da doença e que a sua permanência nessa associação dependeria dos resultados.

Para Bourdieu (1999), embora os homens cultivados de determinado período discordem a respeito de questões que discutem, ao mesmo estão de acordo em discutir essas determinadas questões e é a partir dessas problemáticas que um pensador reflete que ela passa a pertencer à sua época, nos permitindo situá-lo. O desacordo pressupõe um acordo no terreno dos desacordos.

Afrânio Peixoto atuou com mais engajamento em três áreas da medicina: a Higiene, a Psiquiatria e a Medicina Legal. Publicou diversas obras e escritos que contribuem para as três áreas, a que possui menos contribuição foi a psiquiatria, seus trabalhos nesta área se resumem ao seu trabalho junto com Juliano Moreira no Hospital Nacional de Alienados.

A higiene para Afrânio era vista como a salvação da população brasileira, que se via condenada a crer que o clima e a miscigenação eram o grande atraso da nação, para Afrânio isso não era determinante, o que faltava era uma boa educação higiênica.

Segundo Silva (2014), Afrânio não teve tantas produções de fôlego no campo psiquiátrico como teve no campo de higiene e medicina legal, embora estes campos se entrelacem nos escritos sobre alcoolismo e epilepsia a partir do crime. As publicações de Afrânio

neste campo se dão mais pelos escritos em periódicos tanto nacionais como estrangeiros, comunicações e apresentações em congressos como da Academia Nacional de Medicina. Tem um grande reconhecimento dos pares do campo psiquiátrico embora não tenha tanta produção bibliográfica dedicada a este campo.

A maior influência de Afrânio Peixoto no campo da Medicina Legal foi o seu mestre Raimundo Nina Rodrigues, que influenciou em seus escritos e influências teóricas, dentre elas o médico criminologista Cesare Lombroso, que contribuiu para sua conceituação de crime e aparece em diversas obras. Dentre elas a obra *Criminologia* (1933), segundo Moreira (2012), é daí que decorre seu projeto de eugenia de restituir saúde à Nação. Afrânio relaciona a criminalidade em geral, mas seu foco é principalmente nas mulheres, percebendo na maternidade e no aleitamento a solução para diversos problemas da prole.

Considerações Finais

Percebemos nesta pequena trajetória intelectual de Afrânio Peixoto, a importância de se compreender um intelectual dentro do seu contexto e das suas redes de sociabilidade. Um livro ou uma obra escrita mesmo que individualmente é fruto das relações e transformações sociais de um período.

A vivência e contatos pessoais que um intelectual traça durante sua vida são essenciais para consagrá-lo como tal, assim como as instituições ao qual participa e os cargos que ocupa durante sua vida são definidores também.

Quando tentamos compreender uma trajetória intelectual, segundo Dosse (2015), buscamos entender de que modo o grupo do qual participam se apropriam dos valores de uma época e os transformam, pois através do itinerário individual se consegue compreender as influências do coletivo. Não se pensa o indivíduo fora do coletivo, pois quem cria o coletivo são os indivíduos, “comunidades não pensam, só indivíduos podem pensar” (DOSSE, 2015, p. 208).

Referências

BARBOSA, Maria Rita de Jesus. A influência das teorias raciais na sociedade brasileira (1870-1930) e a materialização da Lei no 10.639/03. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 2, n. 10, p.260-272, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1525/502>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Seleção, organização, introdução e notas de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9. ed. Campinas: Papirus, 1996.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. São Paulo: USP, 2015.

_____. *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valência: Universitat de València, 2007.

Revista Vernáculo n.º 44 – segundo semestre/2019

ISSN 2317-4021

EDLER, Flávio. Afrânio Peixoto: Uma cruzada civilizadora por la nacion possible. *Revista Biomédica*, vol. 23, no. 3, 2012.

HERSCHMANN, Micael. Entre a insalubridade e a ignorância: A construção do campo médico e do ideário moderno do Brasil. In: KROPF, Simone; HERSCHMANN, Micael; NUNES, Clarice. *Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro 1870-1937*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p. 11-67.

KROPF, Simone Petraglia. Carlos Chagase os debates e controvérsias sobre adoença do Brasil (1909-1923). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009,p.205-227.

LECLERC, Gérard. *Sociologia dos intelectuais*. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2004.

LIMA, Nísia Trindade de; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. p. 23-40.

MOREIRA, Rosemeri. Corpo e maternalismo nos saberes jurídicos e criminológico. *História e Cultura*, Caxias do Sul, v. 11, n. 21, p.229-244, Jan/Jul, 2012.

PEIXOTO, Afrânio. *Elementos de Medicina Legal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

_____. *Sexologia Forense*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1934.

- _____. *Higiene*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922. 1 v.
- _____. *Higiene*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922. 2 v.
- _____. *Elementos de Higiene*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.
- _____. *Criminologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1933.
- _____. *A educação moral da mulher*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- _____. *Medicina legal: psico-patologia forense*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935. 2 v.
- _____. *Medicina legal: Medicina forense*. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1936. 1 v.
- SALES, Fernando. *A Bahia de Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

SANTOS, Eucléia Gonçalves. *Do sertão para a nação: Trajetória intelectual e escrita literária em Afrânio Peixoto (1897-1930)*. 2017. 361 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Renata Prudencio da. *As ciências de Afrânio Peixoto: Higiene, Psiquiatria e Medicina Legal (1892-1935)*. 2014. 372 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz- Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/17800/2/207.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2017.

SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-48.

SIRINELLI, Jean-François. *Abrir a história: novos olhares sobre o século XX francês*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 231-269.

STANCIK, Marco Antonio. *Os jecas do literato e do cientista: movimento eugênico, higienismo e racismo na Primeira República*. *Publicatio Uepg*, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p.45-62, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/535>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As idéias eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entreguerras. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, v. 6, n. 11, p.1-23, Jan/Jun, 2012. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/1877/1041>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 330-391. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/7bzx4/pdf/hochman-9788575413111-11.pdf>> Acesso em: 14 ago. 2018.

_____. *A hora da eugenia: reça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

WANDERLEY, Helmara Giccelli Formiga; OLIVEIRA NETO, Pedro Junqueira de. Afrânio Peixoto: uma biografia possível. *Revista Brasileira de Filosofia e História*, Pombal, v. 1, n. 5, p.1-7, Não é um mês valido!/Não é um mês valido! 2016. Disponível em: <<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RBFH/article/view/4984/4267>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

Recebido em 29/10/18 aceito para publicação em 14/08/19